

40 - ARTUR EDUARDO BENEVIDES

ARTUR EDUARDO BENEVIDES

ARTUR EDUARDO BENEVIDES, filho de Artur Feijó Benevides e de Maria do Carmo Eduardo Benevides, nasceu na cidade de Pacatuba no dia 25 de julho de 1923. Fez o curso primário no Educandário Santa Terezinha, na terra natal, e o curso secundário no Colégio São Luís e no Liceu do Ceará, em Fortaleza. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Ceará (1947) e posteriormente se licenciou em Letras. Foi Diretor da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará e Professor Titular de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras (depois Curso de Letras) da UFC; Diretor do Centro de Humanidades da mesma Universidade. É Professor Emérito da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e da Universidade Federal do Ceará (UFC). Um dos componentes do Grupo Clã, é o atual Príncipe dos Poetas Cearenses. Ocupou diversos cargos em sua vida pública, podendo-se destacar, além dos já citados: Oficial de Gabinete da Secretaria de Agricultura, Oficial de Gabinete da Interventoria Federal no Ceará; Diretor do Arquivo Público e do Museu Histórico; Diretor-Geral do SENAC, Diretor Administrativo da LBA em Fortaleza, tendo dirigido ainda, durante um ano e meio, o Centro de Estudos Brasileiros em Rosário, na Argentina. Membro do Conselho Estadual de Cultura. É portador de várias medalhas entre as quais a Medalha do Mérito Cultural da UFC, a Medalha José de Alencar (Literatura) do Governo do Ceará, a Medalha Justiniano de Serpa (Educação), também do Governo do Ceará, e a Medalha Cidade de Fortaleza, que recebeu com o título de Cidadão Honorário de Fortaleza (Câmara Municipal de Fortaleza); recebeu em 1987 do Sistema Verdes Mares de Comunicação a Sereia de Ouro. É ainda membro da Academia Cearense de Retórica e da Academia Cearense da Língua Portuguesa. Obras publicadas: ***Navio da Noite*** *(1944),* ***Os Hóspedes*** *(1948), de parceira com Aluízio Medeiros, Antônio Girão Barroso e Otacílio Colares;* ***A Valsa e a Fonte*** *(1950),* ***O Habitante***

da ***Tarde*** *(1958),* ***O Tempo, o Caçador e as Cousas Longamente Procuradas*** *(1966),* ***Canção da Rosa dos Ventos*** *(1969),* ***O Viajante da Solidão*** *(1969),* ***Viola de Andarilho*** *(1975),* ***Elegias de Outono e Canções de Muito Amar e de Adeus*** *(1975),* ***Arquitetura na Névoa*** *(1979),* ***Oráculo de Delfos ou as Vinhas Amargas do Silêncio*** *(1981), de parceria com José Alcides Pinto;* ***A Rosa do Tempo ou o Intérmino Partir*** *(1981),* ***Inventário da Tarde*** *(1983),* ***Sonetos de Beira-Mar e Elegias do Espaço Imaginário*** *(1983),* ***Canto de Amor ao Ceará*** *(1985),* ***A Rosa do Caos ou Canções de Quase Amanhecer*** *(1987),* ***Os Deltas do Sono e o Navegar das Tardes em Setembro*** *(1988) e* ***Noturnos de Mucuripe e Poemas de Êxtase e Abismo*** *(1992), de poesia;* ***Caminho Sem Horizonte*** *(1958), contos;* ***O Menino e o Arco-Íris*** *(1985), literatura infantil;* ***A Lâmpada e os Apóstolos*** *(1952),* ***Educação e Mundo Moderno*** *(1955),* ***Ensino e Treinamento Profissional na Europa*** *(1961),* ***Universidade e Humanismo*** *(1970),* ***Universidade e Cultura*** *(1972),* ***Idéias e Caminhos*** *(1974),* ***Evolução da Poesia e do Romance Cearenses*** *(1976),* ***O Tema da Saudade na Poesia Luso-Brasileira*** *(1979),* ***Literatura do Povo: Alguns Caminhos*** *(1980),* ***Universidade: Mão e Contramão*** *(1981),* ***Camões, um Tema Brasileiro*** *(1982),* ***A Origem Culta da Quadra Popular*** *(1982), e* ***O Santo Graal e a Literatura Fantástica da Idade Média*** *(1982), ensaio. É autor ainda de várias antologias, entre as quais o* ***Cancioneiro da Cidade Fortaleza*** *(1953), com segunda edição em 1973, e a* ***Antologia de Poetas Bissextos do Ceará*** *(1970). De 1950 a 1992, chega a quase trinta o número de prêmios culturais que recebeu: Prêmio de Poesia da ABDE do Ceará; Prêmio da Ação Católica, de Fortaleza, pelo melhor poema de Natal; três prêmios da ABDE do Ceará para contos; dois prêmios de Poesia da Prefeitura Municipal de Fortaleza; Prêmio José Albano, da UFC, para ensaios, em três anos: 1958, 65 e 70; Prêmio Pedro Filomeno para poesia, da Academia Cearense de Letras; o mesmo prêmio, para contos; Prêmio Diários e Rádios Associados, de Fortaleza, para a melhor crônica sobre a cidade; Prêmio Camões, da Casa de Portugal, de São Paulo; Prêmio José Albano, do Governo do Ceará, nos 50 anos da morte do poeta, em 1973; Prêmio José Veríssimo, da Academia Brasileira de Letras, para o livro* ***Idéias e Caminhos****; Prêmio de Poesia da UBE de São Paulo; Prêmio Cecília Meireles, da Academia Brasiliense de Letras; Prêmio*

*Filgueiras Lima, de Poesia, da Fundação Cultural Filgueiras Lima, em 1983; Prêmio Jerônimo Monteiro (Menção Honrosa), da Abril Cultural, São Paulo, para contos fantásticos; Prêmio Estado do Ceará, por conjunto de obras, do Conselho Estadual de Cultura, em 1983; Prêmio Cassiano Ricardo, do Clube de Poesia de São Paulo; Prêmio Rio de Literatura, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, para Poesia; Prêmio Estado do Ceará, para Literatura Infantil; Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras, com o livro **Os Deltas do Sono e o Navegar das Tardes em Setembro**; e o Prêmio Francisco Igrejas, do Rio de Janeiro. Artur Eduardo Benevides, que fora Vice-Presidente, é hoje Presidente da Academia Cearense de Letras. Sua poesia tem merecido apreciações elogiosas de escritores como Otto Maria Carpeaux, Augusto Frederico Schmidt, Alceu Amoroso Lima, Domingos Carvalho da Silva, Gerardo Mello Mourão, Braga Montenegro, Vitorino Nemésio, Jorge Medauar e muitos outros. E Valdemar Cavalcanti afirmou: "Só quem chega a esse estágio de maturidade poética pode escrever umas canções, umas odes, umas elegias assim, de um tal poder de comunicação, até um certo virtuosismo na maneira de dizer as coisas mais simples e mais sutis."*

O MORTO NA PRAIA

Um homem na praia estava imóvel.
Um homem na praia estava morto.
Um homem na areia enrijecido.
Vinham ondas do mar sobre o seu corpo.
Vinham ventos e entravam em seus ouvidos
Vinham silvos longínquos e ele morto...
Adiante mulheres se entregavam
aos desejos de jovens vagabundos.
Adiante bêbados gritavam,
marinheiros no bar contavam histórias.
Holofotes cruzavam a superfície
sobre a noite rasgando o bom caminho.
Os uivos das águas vinham fortes.
Mas um homem na praia estava morto.
Ninguém o encontrava, nem um cão
vinha lamber o sangue coagulado.
Ao fundo, estava o mar; no alto, a lua
que outrora brilhara sobre as naus
de valentes marujos todos mortos.
Bem próximo do corpo estava o porto
como sigla nos olhos mareantes.
Noctívagos passavam assoviando
canções desesperadas pelo cais.
Sob os gestos alguns estavam mortos
Contudo caminhavam e eram tristes.
Mas na praia um homem se encontrava
como um barco fendido. E estava morto.

De *A Valsa e a Fonte* (1950).

ELEGIA PARA ALBA FROTA
IV

Lívida estavas no caixão, enquanto
Nós outros, teus jograis, te rodeávamos

E em difíceis silêncios sufocávamos
O pranto sob o qual nascem vigílias.

Teu velório foi longo. A madrugada
Encontrou-te parada sobre a essa
E tudo processava-se sem pressa
Com a lentidão das tristes despedidas.

Afinal veio a hora: fui daqueles
Que puseram teu esquife sobre o carro
Em que te conduziram sem regresso.

Mas nas brumas do adeus, na fria ausência
Que pesa mais que a morte, não morreste:
Continuas nascendo no meu verso.

De *O Viajante da Solidão* (1969).

LAMENTAÇÃO SOBRE AS MURALHAS

1.

Oh, os que comigo envelheceram!
Os que viajaram em mim e adormeceram.
Ou estiveram ao meu lado e me deixaram.
E começaram a sumir. E se perderam.
Os ocasos, às vezes, chegam prestos
com palidez de mortos num caixão.
Mesmo os júbilos quase sempre são
conchas de luz perdidas num deserto.
E até no chão, buscando a madureza,
põe-se a findar o grão.

2.

É preciso começar a exercer
o dom de envelhecer.
Ou de fugir ao temor das distâncias
perdidas e vencidas.

Em nossa mão,
que traçou cartas de navegação,
há flâmulas partidas.
E muitos sorriem, nas pérgulas da velhice.
Mas ficamos todos a esperar
telegramas e cartas que não vão chegar.
Ou a visita dos filhos que já se despediram
e começam, também, a envelhecer.
Como envelhecem as mágoas e os pecados.
Ou as valsas guardadas nos sobrados.
Ou os pobres currais com seus mugidos
ao amanhecer.
(E vinha o amor com seu primeiro ardil.
Nem sei se era setembro. Talvez, abril.)
O tempo passou vagaroso como o frio no inverno.
Mas percebemos um dia o irreparável
e descemos ao fundo dos infernos.

3.

Oh, a velhice!
Um silêncio a enxugar um pranto que não veio.
Ou as leves passadas do último correio
para não despertar alguém que já dormisse.
Quando
atravessarei de vez a frágil ponte?
Onde
os cavalos que mastigam lá fora
estrelas no horizonte?
E eu — peregrino, ou um velho menino,
e pensar nos lazúlis da casa paterna
sem ver que a esperança (essa verde lanterna)
um dia findaria?

4.

Ali, ao pé da tarde, está minha bagagem.
O olhar alimenta-se agora de adeuses.
As cousas chegam lentas e um só dia
parece arrastar-se igual a meses.
Mas, a bombordo ou a boreste,

vita brevis est.
No fundo do espelho
olhamo-nos *in memoriam.*
E gaivotas fogem sobre o mar, além.
Contudo, já não temos sequer um palafrém.
Aldrabas rangem.
Todos se entreolham.
O vento é frio.

O POEMA

1.

O poema se oferta
semelhante às árvores na estrada
em frio amanhecer.
Traz algo de esquiva madrugada
e sua dor vem sempre
nos surpreender.
É um rumor de fábulas.
É o teorema
de tardes no sem-fim.
Sua voz — o vento.
Seus frutos (mantras de luz em nosso pensamento)
sustentam-se em vagos trampolins.

2.

E Deus, mandando-nos metáforas,
espera que possamos entendê-las.
Mas antes que as ponhamos na canção
transformam-se em estrelas.
E sua voz ilumina
os pôneis que sobem inexistente colina.

3.

Neles,
já quase desmaiadas,

seguem nas albas as nossas Bem-Amadas.
E ao ver a nudez
dos corpos que elas não escondem
as fontes choram.
E o pranto tem a palidez
dos que fogem no tempo e no silêncio moram.

INCERTEZA

Não fui do mar.
Também não fiquei em minha serra.
Ou tudo não passou de um longo olhar
sobre a corrida de touros em Salvaterra?

O RESTO

O resto é o mar.
Ou esse imenso chegar
que não chegou.
Ou o tempo a procurar
as madrugadas em que o trem passou.

CAMINHADA

Não falo de labirintos. Nunca os tive.
Procurei caminhar em linha reta.
Segui, às vezes, numa barca de nuvens,
como qualquer poeta.
E a tudo e a nada cheguei.

VIAGEM

Em nosso ir e vir
teríamos que chegar a Alcácer-Quibir.
Éramos, em nossa solidão,
a retaguarda de Dom Sebastião.
À noite, no vasto acampamento,
a esperança, cavalgando o vento,
iluminava a nossa escuridão.
Mas nada nos aquecia. Ou enriquecia.
Nas horas que mais pesavam
somente sonhos nos alimentavam.
E ainda hoje, por onde vamos, nos sustentamos
de seu grão plantado em nosso chão.
E viajamos. Em vão.

DOS SONETOS DE SETE DIAS

SEXTA, À TARDE

Quem sabe, um dia, tu, talvez distante,
Não te lembres de mim com tal valia
Que possas ver-me em ti, na romaria
Do espírito inquieto mas amante?

Quem sabe, um dia, em paz, na doce via
Não juntemos as mãos, em largo instante,
E fiquemos a sós, no delirante
Jogo do amor, em pura fantasia?

Quem sabe, um dia, nos reencontremos
Num desejo infinito e nos amemos
Como agora, em paixão e grande espanto.

Quando te vi, tão linda, tive medo.
Havia tanta luz e tal segredo
Que tropecei, ditoso, no meu Canto.

SEXTA, À NOITE

É noite, já, em mim. Mas, amanheces.
Teus jovens pés levitam sob a brisa.
Vens formosa no amor que se improvisa
Como os trigais dançando em suas messes.

É bom que em mim demores. Não te apresses.
O fim de minha estrada se divisa.
Quero ter-te, de forma bem precisa,
Como os plurais, que morrem sem os esses.

Chegaste com tal graça e tal leveza!
Nem deu tempo de que eu pusesse a mesa
Com nêsperas, com tâmaras e amoras.

Serei, contudo, o teu amante fiel.
E te recebo em ânsias. És Raquel
Que tomei de Labão ao pé de auroras.

RÉQUIEM PARA ANTÔNIO GIRÃO BARROSO

1.

Como viver sem ti, ó Peregrino,
Sem tua ingenuidade e sem teu ar
De marinheiro que ficou sem mar,
Jamais podendo achar o velocino?

A poesia, em ti, mais que destino,
Semelha a ara posta sobre o altar,
Ou os fios, talvez, que num tear
Tecem as vestes de sonhos de um menino.

Um menino tu foste — e desvalido
Tangeste os bois que, à tarde, e sem mugido
Conduziam no dorso os rouxinóis.

Eras pálido e triste. Quase um santo.
Mesmo em boêmia, não perdeste o manto
Cravejado de luz e girassóis.

2.

Vejo-te morto, agora. Vejo o rosto
Nas estradas da ausência adormecido.
O tempo te fugiu. Estás caído
Qual folha pelo chão, sob o sol-posto.

Há pouco, tendo o olhar em paz tecido,
Guardavas do poema todo o mosto.
Mesmo nas horas turvas, de desgosto,
De ti nunca se ouviu um só gemido.

Ó belo irmão das cousas e dos seres
Que glórias não buscaste e sem haveres
Viste os sonhos em êxtase e magia

— São Francisco te ampare nos seus braços
E diga a Deus, curando os teus cansaços:
"É meu irmão, Senhor. Vem da Poesia."

De *Noturnos de Mucuripe e Poemas de Êxtase e Abismo* (1992).